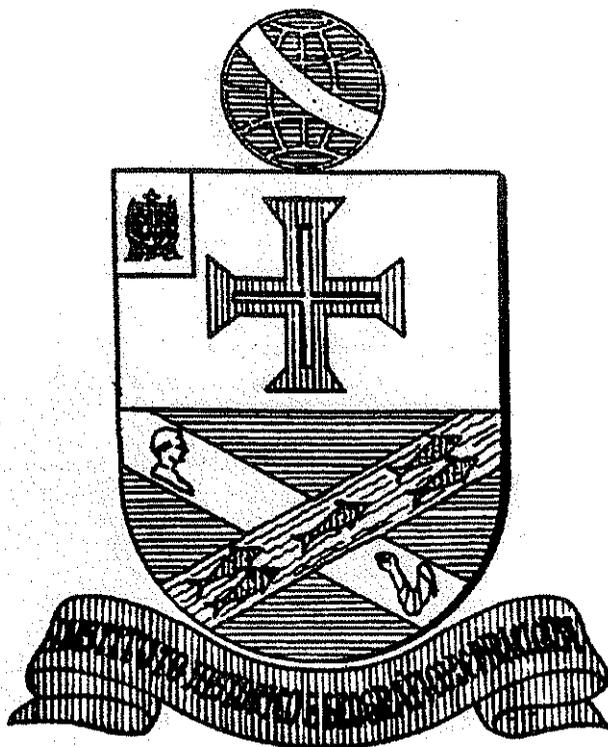


LEANDRO GUERRINI

FOTÓGRAFO DE SI MESMO

(MEMÓRIAS PÓSTUMAS)



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE PIRACICABA

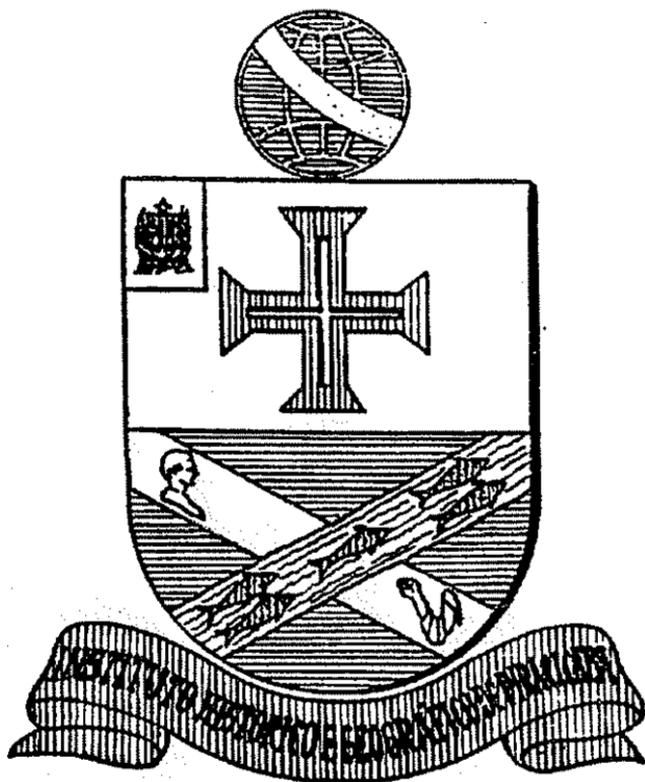
FUNDADO EM 1967 - BICENTENÁRIO DE PIRACICABA
PATRONO: PRUDENTE DE MORAES

1995

LEANDRO GUERRINI

FOTÓGRAFO DE SI MESMO

(MEMÓRIAS PÓSTUMAS)



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE PIRACICABA

FUNDADO EM 1967 - BICENTENÁRIO DE PIRACICABA
PATRONO: PRUDENTE DE MORAES

1995

SUMÁRIO

	Página
Agradecimentos	i
Prefácio	ii
Nascimento e Infância.....	01
A Alfabetização	05
O Tico-Tico.....	08
Do XV à Poesia	10
O Estadão	13
No "Jornal de Piracicaba".....	15
A Banda	16
A Orquestra.....	18
O Prêmio	20
O Dançarino	22
Descoberta de São Paulo	24
O Teatro	27
Retorno à Flauta.....	29
Amor de Jaçanã	32
O Coral	35
O Jornalista	35
Entre o Jornal e a Escola	39
O Redator-Chefe	41
Diretor de Biblioteca.....	45

	Página
A História em Quadrinhos	47
De Piracicaba para Piracicaba	48
O Orador	49
O Dramaturgo	52
Radiofonia	53
O Orfeão	56
O Mestre	58
Flautista, Sempre	59
O Intelectual Sereno	61
Alguns Trabalhos	63
O Maior dos Prêmios	69

AGRADECIMENTOS

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba agradece cordialmente a autorização, dos herdeiros de Leandro Guerrini, para publicação, sem ônus, das Memórias Póstumas desse saudoso Professor. Agradece também ao Dr. Cecílio Elias Neto a proposta de que tal publicação fosse feita e a permissão de aproveitamento do texto que veio a lume no nº 168, ano VII, agosto de 1995, do jornal *A Província*, do qual é Diretor Responsável.

PREFÁCIO

Conheci Leandro Guerrini quando Professor no Colégio Piracicabano, atividade que tive de março de 1946 a julho de 1954. Lá trabalhava também o colega Leandro, ensinando Música e, principalmente, a Língua Portuguesa. Homem modesto, amável, competente e respeitado, deu-me sempre boa impressão. Gostava de sua companhia, quer na Sala dos Professores, quer em bancas de Exame de Admissão ao curso ginásial. Conheci-o também quando ele era Redator do Jornal de Piracicaba, e, ainda, quando ele era Diretor da Biblioteca Pública Municipal. Não sabia eu então que esse Professor competente, esse Redator eficiente, esse Diretor dedicado, esse Musicista talentoso era, antes de mais nada, um autodidata que, com grande esforço, partira de uma mocidade pobre e difícil, para posições dignas e respeitadas na sociedade piracicabana. Admiro gente assim. Admiro aqueles que vencem as dificuldades da vida com esforço, dedicação, estudo e inteligência. E esse é um dos motivos pelos quais, na Presidência do IHGP, apoiei a publicação das Memórias Póstumas de Leandro Guerrini, proposta pelo Dr. Cecílio Elias Neto e aprovada unanimemente pela Diretoria desse Instituto.

Por outro lado, a obra de Guerrini, na sua linguagem simples, brincalhona e ingênua, é de leitura muito agradável. E mostra às novas gerações como era a vida naquelas décadas remotas nesta nossa Piracicaba e neste nosso Brasil.

Piracicaba, 20 de dezembro de 1995

Frederico Pimentel Gomes
Presidente do Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba

NASCIMENTO E INFÂNCIA

Segundo as crônicas domésticas, eu nasci no dia 23 de fevereiro de 1896. O segundo é válido, porque o País, proclamada a República em 1889, separou-se da Igreja. Como é sabido, antes do regime frígido, o serviço burocrático relativo a nascimentos, casamentos e óbitos estava afeito à fábrica eclesiástica. Com o advento da República e conseqüente limitação mencionada, criaram os cartórios correspondentes, ou seja a engrenagem do Registro Civil, legalizada algum tempo depois.

Com a implantação do novo processo, houve certo retraimento da população, uma como que expectativa diante dos fatos, uma reserva que se diria sociológica, à espera de acontecimentos mais concretos. Natural, pois que a prepotência da Igreja vinha de longe.

Diante desses fatos, aliás normais, eu não fui registrado na igreja e só o fui no Registro Civil, uma década depois. Não que meus pais seguissem a orientação religiosa, não eram católicos praticantes. Eram católicos apenas, segundo um costume social. Mais prevaleceu a fé monarquista do progenitor, que não escondia sua simpatia pelo segundo imperador do Brasil. A proclamação do 15 de novembro de 89 foi-lhe impacto bastante sério.

Em virtude de Lei que favorecia os registros "atrasados", eu me tornei cidadão brasileiro, oficialmente, já de calças compridas. Nasci na rua do Rosário, esquina da rua do Conselho, hoje Regente Feijó. Não sei a hora, se de dia ou à noite. Foram meus pais Giuseppe Guerrini e Bárbara Garavelli Guerrini, ambos italianos, das Províncias de Padova e Mantova, ele antigo seminarista na sua terra, depois ferroviário na França, ela de prendas domésticas.

Casaram-se no dia 7 de setembro de 1878 e viajaram incontinenti para o Brasil, a tentar fortuna, sem os favores da imigração. Como colonos independentes, localizaram-se numa fazenda em Recreio, então deste município. Anos mais tarde, mudaram-se para a cidade e meu pai se estabeleceu com armazém de secos e molhados na esquina onde nasceu a totalidade dos filhos, num rol de treze, cinco mortos com pouco tempo de vida e oito que atingiram a maturidade: Irene, Pasqual, Genebre, Victor, Joana, Américo, Leandro e Renato, todos piracicabanos.

Meu pai era homem de certa ilustração, mercê de seus estudos no convento, do qual fugiu três meses antes da ordenação, uma vez que não sentia grande vocação pela carreira da Igreja. Preferiu fugir da tonsura a ser mau sacerdote. A crônica familiar afirmava que, muitas vezes, deixara a roça para dar aulas de latim ao filho do fazendeiro que tinha exame na Universidade de Coimbra. Escrevia corretamente seu idioma e fora correspondente de jornais

italianos editados em São Paulo. "Factótum" dos colonos italianos, nos seus problemas em terras piracicabanas.

Minha infância decorreu quase toda na rua do Rosário, esquina já mencionada, casa que existe até hoje, totalmente reformada. Destaco alguns anos de residência no sítio Areão, além de Vila Rezende, onde meu pai se tornara plantador de cana, independente, fornecida ao Engenho Central. Infância não lá muito risonha, em consequência de asma crônica, que me judiava um bocado e judiava dos meus. Tinha crises violentas de tosse, tão violentas que chegava a ficar roxo, farrapo de vida, um perigo brutal, segundo os mais velhos. Por diversas vezes, aquela azáfama na paróquia, à procura de uma vela para que eu seguisse, tal o estado agônico em que viam. Corria a crença de que a vela iluminaria o caminho à alma do futuro morto, razão porque o caminho me foi iluminado por várias vezes e eu não aproveitei a oportunidade.

O Dr. Alfredo Cardoso, que era médico da família, é quem trazia melhor luz: a asma tem fases de transição, que se estabelecem de sete em sete anos. Então afirmava que, se eu não sarasse aos 14 anos, me tornaria corcunda, tal a incidência da tosse. As palavras proféticas deram certo. Ao atingir aquela idade, divisível por sete, sarei completamente, em resultado do que não fiquei com giba.

Outro treco que me castigou na infância foi uma impingem rebelde que me tomou a cabeça, uma rodela singularmente feia que mais parecia carequinha de frade. Meio acanhado, Piracicaba era centro médico sem dinamismo. Menino um tanto indisciplinado, não deixava a rua, apesar da dermatose, sempre oculta por um boné surrado. Magro, esganiçado, fulvo como cabelo de milho, recebera o apelido de Lemão, com atitudes rueiras e de Pesteadinho para os círculos do lar. Quando criancinha, fui nenê para a cricunsciação. Minha santa mãe achou, não sei porque cargas de água, que Neno era mais condizente com minha importância de mingote. E o Neno pegou que foi um gosto. Vem me acompanhando pela vida toda, uma agradável herança materna.

Quando ainda fora da vida física, mas já palpitando como essência humana, já me fora escolhido o nome e os padrinhos de batismo. Estes seriam Leandro Madazio, que depois se tornou meu cunhado, e Luiza Madazio, sua irmã. Então se estabeleceu o "se" Kiplingano: se nascesse varão, seria Leandro; se viesse menina, seria Luiza. Venceu a fórmula masculina, embora o Luís me fosse grato, como confirma o Luís Leandro, com que assinei muitos de meus trabalhos de pesquisa histórica, ou literários, ou jornalísticos.

Outra prepotência que me atanizou o período de frangote, (já não era mais menino, nem mocinho), foi Im-

placável tracoma que durou anos a fio. Coisa crespá! Foi dura essa quadra da adolescência contra que meus pais pouco podiam fazer, em resultado dos poucos recursos médicos do burgo. Passava os dias encerrado num quarto, lamentando a desdita. O Dr. Paulo de Moraes, de iniciativa oficial, instalou na cidade, na rua do Comércio (Governador) esquina da rua 13, o primeiro posto tracomatoso de Piracicaba, de que fui freguês assíduo. O tratamento era bárbaro: um tal de lápis de fogo que me passavam na parte enferma, com que eu dava berros de dor e ficava completamente "cego" por várias horas. Fui, entretanto, curado por um caixeiro viajante, "seu" Castelli, que me recebia no Hotel Jardineira, misto de enfermeiro e pesquisador, o qual me aplicava nos olhos um colírio milagroso. Que veneranda lembrança!

A ALFABETIZAÇÃO

Em razão dessa enfermidade, não frequentei escola primária diurna. Praticamente, alfabetizei-me sozinho, ou seja com o auxílio das manas, sempre solícitas às minhas perguntas de menino curioso. Havia em casa um exemplar da "Cartilha das Mães", se não me engano, da qual não me lembra o autor. Era de uso dos mais velhos e se tornou meu livro predileto, mormente quando o tracoma me dava folga. No quarto escuro, havia uma vela camarada, que eu apagava apressadamente, mal ouvisse ruído por

perto. A vigilância caseira era burlada e com que delícia, com que encantamento melado! Já taludo, livre de vela, frequentei a Escola Noturna Igualitária, que funcionava na rua do Comércio, esquina da rua Piracicaba. Depois essa escola se mudou para os altos do sobrado onde atualmente está o "Jornal de Piracicaba", sendo seu diretor o professor Fernando Lopes.

Devo esclarecer que meu pai assinava o "Jornal de Piracicaba" e "Il a Fábula", os quais eu devorava, mal me pudesse pôr num canto, notadamente o primeiro. Aprendera a arte de recortar e enchia envelopes usados de recortes, coisas que me agradassem.

Com o fechamento da Igualitária, passei para o Curso Noturno, regido pelo professor Joaquim Teixeira Mendes, com sede numa das salas do fundo do prédio da Prefeitura. Foi excelente o mestre, um ótimo amigo. Ganchei dele, pela minha aplicação nas aulas, dois livros que me foram preciosos: "Lições de Cousas", de Safrey, (não sei bem a grafia) e "Livro de Leitura", de Bilac e Bomfim. Que delicadas lembranças e caras guardo dessa escola! Uma única sala, comportava alunos do primeiro, segundo, terceiro e quarto anos, convenientemente separados. Ali completei meus estudos de primeiras letras. No páteo da escola, houve uma rifa, promovida pelos irmãos Cavalcante Maranhão: uma "Geográfica Escolar" e uma "História do Brasil", dos quais perdi o nome dos autores. Se não me

engano, um deles era Sá e Benevides. Duzentos réis o número. Puxa lá sorte! Ganhei os dois volumes! Minha biblioteca — meus amigos íntimos e mestres mudos, lidos e relidos não sei quantas vezes — ganhava alento.

A biblioteca paterna era boa, igualmente. Li em italiano "Il figlio de sole", tradução de o "O Guarani", de José de Alencar; "Il cuore", de Amicis, um enlevo que me transportava às nuvens; "La monarca di Cracovia" e "La figlia del cardinale", de autores esquecidos; "I promessi sposi", de Manzoni; "La divina commedia", de Dante, que não compreendia quase nada, mas que me babava de gosto com os desenhos de Doré. Dos livros em português que me lembram foram "As Aventuras de Malazartes", "João Fel-pudo", os únicos livros de literatura infantil que andaram pela minha quadra de criança.

Ali por volta de 1906 ou 7, surgiu a revista "O Malho", que os manos compravam periodicamente. Essa publicação representou minha iniciação política, porquanto foi através dela que cheguei a conhecer notáveis vultos do País, tais como Afonso Pena, Pinheiro Machado, Irineu Marinho, Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva e outros mais, ao lado do Zé Povo, que estereotipava a arrala miuda da nação. Neste particular, valiam-me as explicações dos mais velhos, pois, crianças ainda, não podiam entender a expressão simbólica que os bonecos do caricaturista Storni consubstanciavam.

O TICO-TICO

Por esse mesmo tempo, apareceu em Piracicaba "O Tico-Tico", que, sem sombra de dúvida, foi a primeira revista infantil editada no território nacional. Incisiva influência sobre mim. Custava quatrocentos réis o exemplar e, todas as semanas, era aquela tourada para conseguir o numerário preciso. Economia sôfrega para armazenar os vinténs que me viessem à mão. Dispensava tudo quanto fosse capricho de garoto para, nas quartas-feiras, possuir os caraminguás que "O Tico-Tico" exigia. Os personagens da publicação pululavam na minha mente, como heróis genuínos. Chiquinho, Zé Macaco, Faustina, a pretinha Lamparina, o cachorro Jagunço e outros bailavam-me no íntimo, ou eu mentalmente tomava parte nas suas travessuras.

Adorava imensamente um editorial da segunda página: "As Lições do Vovô", no qual um bom velhinho dava aulas de conhecimentos gerais, à altura da petizada. Eu já possuía minha biblioteca especializada — aqueles dois livros ganhos na rifa, conforme acima se viu. Quando a dúvida me assaltava à frente, por efeito da explicação reduzida do "Vovô" (um clichê focalizando um velhote simpático); recorria a "Lições de Coisas", como aconteceu com a estória da maré, ou como se deu com a Guerra do Paraguai, cuja amplitude melhor me deu a História do Brasil.

Outra faceta de "O Tico-Tico", que me calou bastante, foi a de concursos a prêmio — uma seção de perguntas figuradas ou enigmas, charadinhas à feição infantil, a qual me prendia deveras. Creio que partiu daí a paixão pelas charadas, que me dominou grande parte da existência e que hoje se projeta nas palavras cruzadas. A cachaça intelectual é absorvente e disso sou testemunha, através da mania que tenho por essa espécie de entretenimento mental.

"O Malho", por sua vez, apresentava uma coluna romântica, que me prendia: uma série de pensamentos amorosos, fina água com açúcar, de difusa aceitação. Falavam de amor e ingratidão, de saudade e desesperança, da nostalgia e tristeza - uma enfiada de agradável sabor poético, tomado de luar e penumbra. A mana Joana, romântica por excelência, copiava tais pensamentos em cadernos, cinco ou seis deles se me lembro, cadernos que navegavam pela circunscrição toda, cutucando corações e despertando sonhos impossíveis. Inútil será acrescentar que tais cadernos faziam parte do círculo das minhas intimidades, por que tais pensamentos moravam comigo - minhas primeiras tentativas literárias. Então me punha à mesa, lápis na mão, papel de embrulho na frente, espremendo a cachola para também escrever tiradas sentimentais. Quando conseguia umzinho, corria mostrá-lo à mana, cujo juízo me era importante.

DO XV À POESIA

Em 1914, funda-se o E.C. XV de Novembro, praticamente no quintal de casa, que comportava a oficina de marcenaria do mano Pasqual. No intervalo do almoço, jogávamos bola de pano, no mencionado quintal, que era vasto e se localizava na rua de Santo Antônio. Daí nasceu a idéia da instituição de um clube de futebol, idéia com que eu e o mano Américo nos enchemos de entusiasmo invulgar. O intuito não é falar do XV de Novembro, nem do futebol, o único esporte que pratiquei na vida. O intuito é falar da paixão esportiva, que fez com que esquecesse um bocado dos pruridos intelectuais, que podem adormecer, superados por outras emoções, sem jamais morrer. As lides futebolísticas me trouxeram uma amizade valiosa, qual seja a amizade de João Batista Pousa, rapaz pobre como eu, tipógrafo de profissão, com idêntico gosto pelos livros, com mais conhecimentos em razão do seu trabalho. Fomos amigos íntimos, de conversa comum, afinidade espiritual. Empréstou-me bons livros: "Rosa do Adro", "Amor de Perdição", "As Noites de uma Virgem", "Tristezas à Beira-Mar", quase todos de edição portuguesa, todos devorados num piscar de olhos. João Pousa também me iniciou nos meandros da gramática; hauri os primeiros conhecimentos com os substantivos, os adjetivos e verbos, uma porção de nomes que me tonteavam um bocado. Decidi estudar sozinho, pois me houvera convencido que sem estudos gramaticais jamais poderia redigir com independência. Desanimei inci-

sivamente com a Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira. Que compêndio difícil, complicado, impenetrável.

Um consolo nesse desalento oásis: João Pousa me ministrou os passos iniciais pelo terreno da métrica, começando pela divisão silábica e pelos acentos tônicos. Achei refrigério na seara e me bateu a mania dos versos alheios para a contagem silábica. Passava horas e horas nessa tarefa, que era minha, analisando sonetos e poesias que me surgissem pela frente. Um dicionário de rimas, de Bilac e Bomfim, caído às mãos não me lembra como, foi outro companheiro do meu destino. Eu me vi, assim, na hora de grande decisão na existência: seria poeta. Poeta que fizesse versos lindos, versos de amor e de saudade, ou recreativos belíssimos, como o "Pássaro Cativo!".

A época era ainda dos recitativos, que, depois, viraram declamação. Os jovens declamavam nas festas, nos bailes, nos concertos e eu, para não fugir à onda, me dei ao trabalho de decorar poesias e sonetos, num repertório para as eventualidades: "A Lágrima" e "Caridade e Justiça", de Guerra Junqueiro, Olavo Bilac com "Respostas na Sombra", "Visita à Casa Paterna", "As Pombas", "Meu Ser Evaporei na Lida Insana" — uma beleza de repertório que me impava de contentamento. Não sei, todavia, se devo esclarecer que minha carreira de declamador não foi brilhante, pois, magro e esganiçado, me faltava o gênio interpretativo, em razão do que os aplausos eram bem fracos.

Na época de transição, quando deixava de ser garoto para penetrar na ala dos jovens, pois o buço me despontava, comprei, não sei onde nem me lembra como, um exemplar do dicionário Simões da Fonseca, por 2\$000, um confidente de todas as horas, o qual, na livraria de "seu" Rodrigues custava 5\$000. Sem fantasia alguma, esse léxico foi uma rútila miragem na existência. Surpreendeu-me a parte mitológica, cujas citações frequentes eram bacanas na literatura de então. Cheguei, copiando na ordem alfabética, a fazer um Dicionário Mitológico, usando os verbetes de A a Z. Para minha tristeza, toda essa montanha literária se perdeu nas vicissitudes cotidianas, menos o "Simões da Fonseca", que, bastante velhinho mas regularmente conservado, continua na estante, dormindo o sono dos justos.

A tolice de ser poeta prosseguia. Com o dicionário em punho, deliberei "fazer" um dicionário de rimas, bem completo, perfeito, funcional, que me servisse judiciosamente na futura carreira poética. Papel para os rascunhos era o espeto em que se debatia minha pobreza franciscana. Havia, entretanto, o jeito salvador. Valia-me do papel de embrulho. Então exercia vigilância cautelosa sobre os embrulhos ou pacotes que entrassem na taba, ou papéis que tais encontrados pelas ruas. Juntava as folhas, mesmo amarrotadas, passava uma costura de máquina numa das margens e obtinha excelentes cadernos para as notas. Não consegui terminar o dicionário de rimas, pelo trabalho insano que as rimas me davam, na sensação indisciplinada

delas. Sem conhecimento do trabalho metódico, parei na letra D, bastante desanimado.

O "ESTADÃO"

No começo da guerra de 1914, a família tomou uma assinatura de "O Estado de São Paulo". Um regalo palaciano para mim! Enquanto meu pai e os manos se deleitavam com as notícias da guerra, eu me deleitava com os rodapés e artigos literários e com o romance em folhetins que o jornal publicava. Cheguei a colecionar um grosso romance de Peres Escrich, de que me fugiu o título. Uma preciosidade!

Agora um parágrafo fora da cronologia, mas importante na evidência de minha formação educacional. Nos tempos de moleque, começo do século vigente, predominava assanhadamente a prática dos folhetins pelos jornais. Todos os periódicos, grandes ou pequenos, da Capital ou do Interior, tinham lá seu rodapé em folhetins - um romance em doses que pingavam diariamente, para delícia dos leitores. Tal qual como as novelas dos dias que correm. A paixão não mudou; mudaram as formas emocionais de penetração. Antigamente, falavam as letras; hoje falam as imagens. O certo é que a mana Genebre era outra, na casa, apaixonada pelos romances. Boa modista que era, aceitava romances em pagamento de seus trabalhos. Certa vez,

para liquidação de dívida antiga, recebeu um caixote de rolos amarrados com barbante. Eram romances, rodapés de jornais colecionados. Pediu-me que tomasse conta do "pagamento", um tesouro miraculoso, de pôr água na boca!

Voltando ao "Estado de São Paulo", certa tarde, o dr. Sebastião Nogueira de Lima, que era nosso vizinho fronteiro, me surpreendeu a ler tal jornal. "Gosta de ler?", me perguntou. "Muito", respondi prontamente. "Então por que é que você não frequenta a Biblioteca da Universidade Popular?" "Eu posso?", inquiri. "Claro", me esclareceu. Não só me esclareceu como me levou à sede dessa agremiação que mantinha excelente acervo de livros e se localizava onde hoje se acha o Centro Recreativo "Cristóvão Colombo". Eu me tornei assíduo nessa casa, não só pela leitura gratuita que me proporcionava, como pelas sempre lembradas "Horas de Arte" semanais que oferecia à sociedade piracicabana.

Esses encontros artísticos se constituíam de uma palestra, a cargo de beletrista da cidade ou de fora, seguida de números de declamação, de canto ou de música. Eram às segundas-feiras. O antigo varandão da casa residencial abrigava, então, a fina nata da cidade. A Orquestra Lozano, com o Fabiano da batuta, completava o esplendor. Benedito Dutra, Erotides de Campos, Fernando Rebechi, Dr. Honorato Faustino de Oliveira, dr. Osório de Souza e outros consagrados musicistas da cidade; números de canto

a cargo de DD. Maria Ferraz de Arruda, Dulce de Souza, Astréa Aguiar, Olghita Ferraz, o próprio dr. Sebastião Nogueira de Lima, excelente barítono, Augusto Canto e outros cultores da arte de cantar. E as chamadas conferências? Ainda tenho presente na memória aquela proferida pelo dr. João Silveira Melo, intitulada "O Elogio da Mentira".

NO "JORNAL DE PIRACICABA"

Meus arreganhos literários se avolumavam, em resultado dessa fase de efervescência artística. Um dia — sonhava — também vou fazer palestras na Universidade Popular e meus versos andarão de boca em boca, tal como andavam os versos de Gustavo Teixeira, vivendo em São Pedro, mas se impondo na imprensa de nossa terra. Aos domingos, o "Jornal de Piracicaba" publicava três sonetos em rodapé, na primeira página, bem na vista. Minha quimera estava nesse destaque beletrista: "Um dia..." — jurava para mim mesmo. Em casa, acionava furiosamente o caderno de papel de embrulho ou o meu inacabado dicionário de rimas, na miragem arquitetônica das poesias, dos sonetos, dos ditirambos. Esse dia, tão acalentado, ainda não chegou...

O Dr. Pedro Krähenbühl, então recém-formado em Direito, era meu protótipo eleito. Bom poeta, bom jornalista, orador fluente, de quem eu me tornara fã incontestável,

esplendia no "Jornal de Piracicaba". "Tu duca, tu maestro, tu signore!" Era trabalho indiscutível o recortar a produção do dr. Pedro ou Helio Florival, analisá-la metricamente, esmiuçá-la, colecionando-a, buscando nela a chama da imortalidade. Coisa interessante: não me lembra muito do dr. Francisco Lagreca, nesse período. Só me recordo dele ao longo dos anos de 1930 e seguintes. Lembro-me de um estudante da época, estudante da Escola Agrícola, Carlos Conceição, poeta com contornos modernistas, que me agradava, posto que seus versos fugissem da análise métrica.

A BANDA

Agora um bocado de música, ou uma pausa de folga à literatura. A Banda Musical "União Operária" foi fundada em 1906, se não cometo erro de memória, nas imediações de minha casa, reunindo músicos inativos, "encostados" ou dissidentes de outros grupos. Fazia "fusquinhas" à Corporação Musical "Azarias de Melo", conjunto respeitável. O mano Victor se incorporou à nova banda, em razão do que a torcida doméstica era francamente pela "União Operária", de cujos ensaios eu me tornara genuíno "sapo". Desta condição, passei a tocar tarola de ouvido, graças à virtude auditiva que Deus me deu. Depois, na falta de melhor competente, me agarrei ao bumbo e aos pratos, já que o ritmo dos dobrados marciais dispensava conhecimentos de leitura musical. O ouvido comandava a bateria, à impo-

sição do maestro e sua batuta precisa. Minha vontade era o bombardino, à semelhança do Martinho Fischer, um mestre no assunto. Meu primeiro professor de música foi o Sebastião Carmelo, bom clarinetista da banda, do qual infelizmente não me recordo o sobrenome real. O apelido lembrado não é desrespeito.

Dois episódios marcaram minha passagem pela "União Operária".

O primeiro deles: na Vila Rezende, abriu-se um cinema que só dava espetáculo aos sábados e domingos. A "União Operária" sonorizava as funções. Tocava na frente do cinema até a hora do início da festa e depois um sexteto sincronizava as fitas. A incorporação da banda se dava na esquina do jardim da Praça Rezende, em direção da Ponte. Nesse dia, um sábado, faltou o pratista. Em casos tais, amarravam-se os pratos ao bumbo, cujo titular fazia por dois. A rua fora apedregulhada de novo, oferecendo trânsito pedestre regularmente difícil. O Lemão da rua do Rosário, esganiçado como um palito, a barriga intumescida pelo bumbo, empertigou-se todo na introdução do dobrado marcial. A uns vinte passos, faltou-lhe segurança aos pés, por efeito dos pedregulhos roliços. Foi um tomo apoteótico: prato, bumbo, tocador e tudo aos trambolhões pela rua. Interrompeu-se a banda, espoucaram as risadas, ergueu-se o músico, sofrendo o vexame do seu primeiro triunfo artístico.

O segundo êxito se deu no coreto do jardim público, para onde fora a Banda, numa retreta de domingo. Maestro João Surian. A música: "La Gran Via", uma opereta espanhola, com umas pancadas obrigatórias para bumbo, pancadas essas que o "artista" não deu, quase derrubando o resto da troupe. Bronca homérica do maestro Surian, que me expulsou do coreto. Saí arrasado, maldizendo a sorte.

A ORQUESTRA

Algum tempo depois, o cinematógrafo do Santo Estêvão apresentou uma novidade capital: a orquestra, dispensada que foi a banda e competente sexteto. Tal inovação foi um êxito social, "digno das cidades adiantadas", conforme diziam os entendidos. Tomei-me de entusiasmo pela novidade e me senti apaixonado pela orquestra, na qual, entre violinos, flauta, piano, contrabaixo, havia bandolim, excelentemente bem executado por um moço de sobrenome Montera, se não me confundo. No geral do teatro, eu me sentia fascinado pelo instrumento, embora "de moça", como me diziam. Resolvi aprender a manejar esse instrumento com o maestro Surian, que já me perdoara. O maestro Surian era pau para toda obra; ensinava qualquer instrumento. O bandolim, todavia, logo caiu das orquestras locais, fazendo com que também caísse meu entusiasmo bandolinístico.

Havia no E.C. XV de Novembro um meninote de nome Estêvan Chagas, o Foguinho, que chegou a ser excelente futebolista do alvi-negro. Uma tarde, depois do treino, o Foguinho me ofereceu uma flauta de madeira, contendo cinco chaves, em bom estado, por 10\$000. Fechei o negócio, contando com o concurso monetário de minha santa mãe. O próprio Chagas me deu as primeiras lições, isto é, ensinou-me a escala da flauta. O instrumento era bastante rudimentar, mas o esforço venceu o barranco da subida, pois consegui tocar as músicas do momento - valsas, polcas, mazurcas. Como flautista, acompanhado de violões e cavaquinho, consegui penetrar pelos bailes e serenatas, com sucesso que me agradava ao íntimo.

Os primeiros mil réis ganhos com a música! Formidável! Um baile de São João, no sítio, parece-me que foi no Porto João Alfredo. Fomos um grupo, cujos cantantes eram flauta, clarinete e trombone; dois saxs e um baixo faziam a marcação. Recebi 2\$000 nesse empenho, uma fortuna que me fez o mais feliz dos mortais. Não sei depois em quantos bailes a pagamento figurei, impondo a presença de minha flautinha de cinco chaves. E as serenatas? Nem me diga! Todos os sábados era aquela água, até no meio da semana, quisesse ou não quisesse a polícia. A licença para serenatas, na delegacia, era obrigatória, mas a gente sempre arrumava um jeito de burlar a lei. Então surgiam os casos pitorescos ou trágicos, os quais ficam para outra oportunidade.

O PRÊMIO

Agora, uns compassos de espera para a música. Nessa pausa vai entrar um acontecimento especialíssimo em minha vida, um acontecimento que mudou o rumo no cenário da existência. Foi uma bolada, um prêmio maior numa tómbola. Periodicamente, a Sociedade Italiana promovia uma tómbola, de cunho amplo e popular, com extração no largo da matriz, um enorme placar com os números e, ao lado, o palanque com a comissão que dirigia a extração. Comprei um número da tómbola em sociedade com a senhorita Isabel de Moraes Robiatti e nem assisti à extração, porquanto o secundão do XV tinha jogo na Vila Rezende. Ganhamos tudo: quadra, cinquina e tómbola, um bolo de 600\$000 mil réis, um mundo! Maravilha dos Olimpos!

Entreguei a parte que me coube a meu pai, dizendo-lhe: "Pai, agora quero estudar". Dito e feito. A Escola de Comércio "Cristóvão Colombo" era recente, dirigida pelos professores Pedro Zalunardo Zanin e Adolfo Carvalho. Na companhia de meu pai, fui matricular-me no curso comercial, na qual encontrei um mundo novo, saboroso, para mim. O primeiro dos mestres lecionava escrituração e direito comercial; o segundo dava aulas de português, inglês e francês. Como me deleitavam as lições do professor Carvalho! Que excelente pedagogo e amigo incomparável. Nas aulas de português, que me encantavam, pouca gramática,

muita leitura e interpretação, redação continuada, com os exemplos simplificados na lousa. Entre nós logo se estabeleceu franca linha de simpatia, pois eu veria no mestre o homem que me oferecia a mão, o homem que não zombou de mim quando soube que meu sonho era ser poeta. Voltaram-me as fumaças, as fumaças literárias, pois tinha diante de mim a criatura que me compreendia, que procurava me encorajar. O professor Carvalho deu-me o incentivo para o estudo, o método eficiente para compreender o Eduardo Carlos Pereira. Pôs-me nas mãos um livro de ouro, o "Português Prático", de Marques da Cruz, com o qual, quase o decorando, cheguei a perceber que o idioma luso não é tão feio como o pintam.

Entrementes, faleceu meu pai. Foi a perda de um braço forte. Meu pai me estimava e muito. Mais tarde, pela recordação de suas palavras, agrupadas aqui e ali, senti que o progenitor lamentava, no seu âmago, o diploma que não pudera dar aos filhos. Guardo, todavia, a mais grata recordação de sua figura veneranda, um pai sem posses, mas rico de virtudes acrisoladas. Fiz o curso de comércio com relativa facilidade e meu canudo revelava boas notas. Ful o orador da turma, numa festa bastante singela, que se realizou na sede da escola, um orador de luto fechado, como era uso na época.

Mesmo depois de formado, a amizade entre mim e o professor Carvalho continuou com afeição. Ofereceu-

me revistas americanas, para treino do meu inglês, bem como livros excelentes, livros da literatura portuguesa e brasileira. Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Coelho Neto, Machado de Assis, entre outros. Mostrou-me os erros de José de Alencar, mormente na colocação dos pronomes. Então senti Eça de Queiroz, na plenitude de sua força irônica, na dissecação dos costumes, na beleza do seu palavrear. Um arroubou!

Formamos um grupo, os diplomados em comércio de 1917, para prosseguir na forma de avivar as matérias do curso. Duas alas: a primeira para escrituração e direito comercial e a segunda para as línguas. Por incrível que pareça, eu fui designado pela maioria na qualidade de orientador da segunda ala. Éramos quatro e as reuniões se davam, aos sábados à tarde e aos domingos pela tarde, na oficina do mano Pasqual, local amplo e sossegado, próprio para tal. Infelizmente as reuniões duraram pouco tempo, em resultado da divergência de destino profissional que cada qual tomou na vida.

O DANÇARINO

Não devo deixar de assinalar uma fase de certo esmorecimento ou paralisação de meus arreganhos literários. É que o E.C. XV de Novembro abria sede e na sede havia dois pretextos que me amarravam bastante: o pin-

gue-pongue e a víspera. Mal a noite caía, a turma afluía à sede do alvi-negro, ou seja, ao pingue-pongue numa sala e à víspera na outra sala. Um ano ou mais de alheimento, o sonho dormindo e roncando, porque coisa mais subjugante tomava conta dos sentidos. Acresce que, por esse tempo, me vi sabendo dançar e os bailes foram um delírio. Dançava furiosamente uma, duas, três vezes por semana, notadamente aos sábados. Dançava a convite, como intruso, de gaiato. Aprendera a arte dos penetras e descobria bailes por todos os cantos da cidade. Baile de aniversário, de casamento, baile de pobre, até de pretos. Fuçava com a flautinha ou sem ela, porque declamava satisfatoriamente a "Douda de Albano", porque desfrutava de cartaz, no conjunto das garotas.

Eu me julgava um rapaz feio, positivamente feio, no confronto com o mano Américo, que era moço bonito, sem dúvida alguma. Sentindo a situação de inferioridade, reagi com as armas de que dispunha. Era músico, declamador, discursava. Sério mesmo. Nos bailecos, era clássico: saudava o aniversariante, os noivos, os pais deles, as moças presentes. O bolo final. Tinha quase de cor o "Orador Popular", com um boa série de discursos, para muitas emergências. Compreendi que o elogio às moças era magnífica arma. Então, por dá cá aquela palha, elogiava o penteado, o talhe do vestido, o colar de miçanga. Meu cartaz, entre as raparigas, era robusto, apesar da feiura.

Seria recalque, o ressentimento, que me fazia "artista?". Aprendi este negócio, muito tempo depois, lendo e estudando o compadre Freud. Não acreditei muito nesta teoria, porque, já de voz grossa e barba pelo rosto a miragem de ser poeta continuava na forma de crisálida, crisálida que ainda não encontrara oportunidade, embora manifestasse tremeliques de vida. Era teimoso. Virava e mexia, lá vinha a impertinência dele. Num dos encontros com João Pousa, este me contou que, na Livraria Americana, de "seu" Lacerda, havia um exemplar do Dicionário Contemporâneo Caldas Aulete à venda, em prestações. Nem pestanejei. Trabalhava de marceneiro na oficina do mano Pasqual e já ganhava algumas patacas. O dicionário foi meu, no deleite da posse. Durante a semana, não me sobrava tempo, mas passava os domingos todos a compulsá-lo. Cadernos de sinônimos, listas de provérbios. Aquela parte de locuções estrangeiras me foi um regalo. Senti que, com eles, um dia, quando fosse escritor (?), faria um sucesso louco, deitando erudição, porquanto, na época, eram chiques as citações estrangeiras, especialmente as latinas ou francesas.

DESCOBERTA DE SÃO PAULO

Formando em comércio, deliberei usar do diploma, deixando a marcenaria. Mas a praça era fraca e o processo das escritas bastante acanhado. Não havia ainda a

complexidade das exigências oficiais e cada comerciante ou industrial tinha lá sua escrita própria, amoldável aos seus interesses, independente do guarda-livros. Houve, todavia, uma lei que revolucionou a paróquia: foi a lei do selo, uma balbúrdia geral, não para mim que, conhecendo a lei, gabei bons cacarecos com a escrituração do Livro de selos. Houve, igualmente, logo depois da primeira guerra, um romance mal correspondido, que me arrasou um bocado. Foi de amargar, contra que não dispunha de armas.

Assentei, nessas circunstâncias, descobrir São Paulo; sabia datilografia, manjava um bocado de inglês, redigia regularmente e tinha diploma de comércio; estava, pois, capacitado para triunfar na Capital e roncar papo. Pois sim, Serafim. Fracassei redondamente. Não cavei nada. Pior a emenda que o soneto. Para não morrer de fome, voltei ao ofício de marceneiro. Quase um ano depois, regressei a Piracicaba com as mãos abanando, somente com o aceno de um emprego de guarda-livros numa sociedade comercial de que o mano Pasqual era sócio. Lucrei alguma coisa, porquanto pisei na casa paterna curado da paixão violenta que me assaltara. Voltei sem a minha coleção de livros comerciais, que passei num "prego" da rua Santa Efigênia...

Para alguma coisa a desgraça serve. Minha situação financeira melhorara, pois, além do emprego na Casa Confiança, arrumara algumas escritas avulsas. Comprava livros, quando me fosse possível. Lia muito, lia com avidez.

Dos livros emprestados, que me agradassem, fazia resumo para o arquivo, passando noite em claro, longas noites bem aproveitadas. Romances resumidos possuía vários, manuscritos, mais alongados nas passagens culminantes, ou que me tocassem no íntimo. A antiga mania voltara. Assentei de pedra e cal escrever um dicionário de verbos e de vozes verbais. Possuía o Caldas Aulete, o Simões da Fonseca e o Souza Bastos. Distendi todos na mesa e toca a colecionar os verbos, um por um, no confronto entre os léxicos. Um trabalho insano e fatigante. Não passei da letra A.

Por esse tempo, adquiri a obra de Papini, "L'uomo finito". Puxa, que obra máscula! Máscula porque me identifiquei com o escritor italiano, nos seus sonhos literários, na ânsia de glória, até na feiura do rosto! Papini era eu mesmo, o rapaz desengonçado, de cara errada, na ânsia de reformular os cânones clássicos, a infantilidade de escrever gramáticas e dicionários! Por anos a fio, Papini foi amigo de verdade, amigo de horas vazias, amigo de sonhos frustrados. Então me deu na veneta estudar filosofia. Arrumei um compêndio "Iniciação Filosófica", de Emílio Faguet, edição portuguesa. Quase consumi o volume todo, de tanto ler, de copiar, de rabiscar as margens, assimilar as escolas ou correntes, saber dos mestres da antiguidade, o fundamento de suas deduções, os modernos! Papagaio!

O TEATRO

Agora, retrocedendo um bocado, vou penetrar no terreno do teatro, outra paixão incendiária que me tomou de assalto, era assíduo frequentador dos ensaios do Grupo Filodramático "Vittorio Alfieri", que vicejou em nossa cidade antes e depois da hecatombe bélica de 1914. Excelente conjunto de amadores, de que faziam parte os Campagnoli, os Cofani, os Guerrini, os Pasqualloto, Zenaro, Zardetto e outros. Magníficas peças encenadas no Santo Estêvão, entre clássicas e contemporâneas. Lembro-me de uma delas: "Otelo", de Shakespeare, o romance do herói negro. Não perdia ensaios e figurava, quando necessário, como comparsa. Um drama, "Giorgio Gandi", requeria um grumete. Lá fui eu, numa promissora estréia, vestido de marinheiro, fazendo a ponta solicitada. O "suggeritore" (ponto) era o complementarista Sud Menucci, o qual, formado, deixou a cidade para se tornar professor de ofício. Fui então escolhido como ponto oficial do "Vittorio Alfieri", com muita honra e elogios.

A paixão foi dominante. Paixão por tudo quanto cheirasse a teatro, a representação, encenada ou para ler, tudo era comigo, no palco ou no picadeiro. Entrava continuamente de comparsa. Como comparsa, fui jagunço na "Guerra de Canudos", cativo na "Escrava Isaura", japonês na "Geisha", nobre no "Conde de Luxemburgo", palaciano no "Rigoletto", espanhol na "Carmen". Naqueles bons tem-

pos, Piracicaba era continuamente visitada por companhias dramáticas, companhias de revistas, de operetas e de óperas, já que o Teatro Santo Estêvam funcionava de verdade. Na Companhia Santos Silva, fui admitido como ponto. Por pouco, por nada, segui a vida nômade de teatro.

Um fato pitoresco, para amenizar esta digressão enfadonha: quando em São Paulo, depois de formado em Comércio, derrotado no desejo de "descobrir a América", num dia de desalento tomei uma resolução intempestiva - entrar para o teatro, único meio de salvar a situação. No teatro Boa Vista, trabalhava a Companhia de Leopoldo Fróes. Fui falar com o grande ator, sendo recebido até gentilmente. Disse-lhe para que vinha, contei-lhe de minha prática relativa de teatro, especialmente como ponto. Leopoldo Fróes segurou-me pelos ombros e paternalmente me aconselhou: "Meu filho, volte para seus livros de escrituração. A vida teatral é uma gaiola dourada que engole a gente". Senti que o Teatro Nacional perdia um "grande artista"...

Foi nessa quadra que, dominado pela "cachaça cênica", como disse alguém, me esqueci que queria ser poeta ou romancista, pois que o teatro me tomava conta dos sentidos. Isso mesmo, meu santo! Seria um escritor teatral, sem tirar nem pôr! Então toca a arquitetar peças e mais peças. O drama, com suas lágrimas, palpitava: "As Duas Órfãs", "Gaspar, o Serralheiro", "Deus e a Natureza", "A Estátua de Carne" me arrastavam para outro mundo. E

as comédias? "Os Dois Surdos", "Casar para Morrer", "O Outro Eu", "Benditos Pontapés". Resolvido solidamente. De lado a mania dos dicionários, pois queria ser teatrólogo, escritor de dramas, dramas tristes, cheios de angústias, de tiradas monumentais. Rabisquei muitas laudas, espremi o bestunto, noites de vigílias! Não me esqueço de que tentei transformar o "Amor de Perdição" num drama que superaria "A Morgadinha de Val-Flor". Também namorei "A Viuvinha", de José de Alencar. Comédia ou opereta?

Tomava parte em todos os movimentos teatrais que se registrassem na cidade, seja como ponto, como intérprete ou como diretor. Fui integrante do grupo dramático dos irmãos Gomes, Sebastião e Antônio, do grupo "Filhos de Tebes", do grupo da União Espírita e muitos outros de que não me lembra o nome. Como diretor, orientei a representação de dezenas de peças, entre as quais me lembram: "Comédia do Coração", de Paulo Gonçalves, "Onde Canta o Sabiá" de Gastão Tojero, "Pense Alto" de Eurico Silva, "Os Inimigos não Mandam Flores", de Pedro Bloch, "Armadilha para um Homem Só", de autor francês e outras mais de que não me lembro.

RETORNO À FLAUTA

Alí, pelas alturas de 1922, procurou-me o professor José Pousa de Toledo, o Tutu na Intimidade, afim de

me oferecer uma flauta "grande", transversal, de 13 chaves, italiana, "Barlacina Billor", uma formosura de flauta. 400\$000, a 50\$000 por mês. Caro, uma fortuna! Mas valia a pena. Não deixei escapar a oportunidade, já que contava com a promessa de auxílio por parte de minha divina mãe. De posse do instrumento, nadando no mar da aventura, tratei de procurar um professor competente, para um aprendizado sério, metódico, de acordo com as regras. Arranjei o Erotides de Campos, que me cobrava 20\$000 mensais. A despesa de 70\$000, no fim de cada trinta dias, me deixava apreensivo, mas não vencido. Superei-a com algum sacrifício, contente comigo mesmo, dono de uma flauta respeitável. Tive aulas com Erotides, três vezes por semana, durante apenas seis meses. O mestre se casara e arrumara cadeira de professor fora de Piracicaba. Continuei sozinho, estudando com afinco o método Popp, de cabo a rabo, seguindo a orientação erotidiana.

Enamorado satânico da flauta, penso que fiz progresso, não talvez pela vizinhança que chegou a reclamar contra o excesso de tocação, até altas horas da noite. Uma vaga na orquestra do Iris Teatre? Não me lo diga! Corri a falar com o Benedito Dutra, que era o mandante do conjunto. Fiz as provas experimentais, superando outros dois pretendentes. Toquei de graça durante seis meses, condição impositiva do velho Campos, gerente do cinema. O Iris Teatre era frequentado pelo povinho, e muito bem frequentado. O programa da orquestra era misto, com algumas pe-

ças de vulto para variar. Durante a projeção das fitas em série, o barulho era ensurdecedor, muito bem aproveitado pelo conjunto para os ensaios. Benedito Dutra pontificava. Chorava no violino na execução da "Czardas", de Monti, na "Serenata", de Toselli e outras. A assistência nem respirava e, no final, choviam aplausos. Depois do estágio, comecei ganhando 30\$000 mensais, um bom achego. Meu primeiro solo foi com um 12/8, uma ária do "Fra Diavolo".

Agora participava de bailes, casamentos, formações e missas, defendendo já bons cobres. Na inauguração do prédio São José, duas orquestras, uma de São Paulo e a outra a Orquestra de Adolfo Silva, da qual fazia parte. Sucesso absoluto. Toquei flautim e flauta. Participei da Orquestra Lozano, de grata memória, da Orquestra regida pelo maestro Celestino Guerra. Toquei com Benedito Dutra, Adolfo Silva, Carlos Brasiliense, Carminha Chagas de Moraes. Toquei numa companhia lírica, De Angelis, se não me engano, bem como na companhia de operetas de Clara Weiss, nas companhias de burletas de João Rodrigues e Alda Garrido, esta encalacrada no Teatro Santo Estêvão, em vir revolução de 1924. Toquei numa companhia de revistas "Tudo Preto no Politeama", formada só de artistas negros, com o Grande Otelo, mocinho e já aplaudido. Minha vida de flautista andou por aí a fora, como no caso da cidade de Rio Claro, para onde eu e Benedito Dutra fomos chamados como músicos de uma companhia de operetas.

Há igualmente os casos cômicos: uma companhia nacional de burletas estava no Santo Estêvão. Orquestrinha de conterrâneos, com certo flautista no meio; só o maestro pianista era estrangeiro. No ensaio tudo bem; no espetáculo, a cantora piscou para o maestro e este ordenou aos músicos: "Uma terça abaixo". Inútil será acrescentar que só o pianista se salvou do desastre. De outra feita, a orquestra do Politeama, não sei por que cargas de água, fez greve. O empresário Antônio Campos então deslocou a orquestra do Iris Teatre para o Politeama, menos eu que fiquei sozinho no Iris, isto é, com o Mário Cotrim ao piano, que só acompanhava de ouvido. Fita de dez longas partes. Comecei com as valsinhas que sabia de cor. Na oitava ou nona parte eu me perdi completamente. Foi então que a assistência prorrompeu numa vaia homérica, um "triunfo" que se não descreve. Tomou o resto da função. Nunca mais me esquecerei dessa pateada estrondosa.

AMOR DE JAÇANÃ

Em 28 de dezembro de 1925, depois de breve namoro preparatório, contraí matrimônio com Jaçanã Altair Pereira, filha dos finados Natanael Pereira e Lília Soares Pereira, natural de São João da Boa Vista. O casamento foi em São Paulo, no distrito de Belenzinho, de cujo cartório era oficial maior um conterrâneo, Felipe da Silva, irmão da professora D. Eugênia da Silva. Casamento feliz, embo-

ra um tanto penoso de minha parte, em virtude da instabilidade da casa comercial. A música me amparava bem, pois me tornara profissional. Sobrinha-neta de Carlos Eduardo Pereira, minha esposa cursara o Colégio Piracicabano e se diplomara pela Escola Normal do Brás. Foi-me de excelente influência, pois seu preparo intelectual era bem superior ao meu. Conhecendo minha precariedade, nunca deixou de me animar, proporcionando-me excelentes conhecimentos, mormente sobre o idioma pátrio.

Afinidade espiritual bem acentuada. Minha senhora possuía bela voz de soprano ligeiro e conhecia um bocado a arte do canto. Gostava imensamente da música e adorava a literatura. Uma tia, D. Raquel Pereira, senhora de altas virtudes de alma, foi-nos valiosa na orientação doméstica e artística. Sob tais influências, sobremaneira preciosas, mais e mais me convencia da necessidade de estudo, da necessidade da análise, sem o que não pode haver independência na redação. Uma quase obsessão. Lembrome que a esposa tomou do livro "A Holanda", de Ramalho Ortigão, e dava-me as primeiras aulas de análise. Sorriu quando lhe falei da Gramática Expositiva que me fora hostil.

Um retrocesso, para muito antes do casamento, afim de destacar o que o canto significou na minha vida. Sempre senti, desde quando me conheci por gente, que possuía um fio de voz, apreciável para meu gosto. Minha

namorada de olhares, depois esposa, insistia para que estudasse canto. Ouvindo-a cantar, enlevado pela sua arte natural, tomei coragem para experimentar. Passei da resolução à prática.

Havia na cidade o barítono italiano Protta, que dava aulas de canto. Procurei-o com certo receio. Sentou-se ao piano e pediu-me de início que o acompanhasse nas escalas. De pronto, classificou-me como tenor. Alcançava o lá com facilidade e o si bemol ou si natural um tanto ou quanto espremidos. Comecei as aulas de vocalização com fúria marcante. O professor era exigente e, de vez em quando, dava bronca com o aluno: "É stornato! É stornato!". Desafinado ou não, prossegui no aprendizado. Três meses depois, uma audição dos alunos, no Teatro Santo Estêvão. Lá estava o Leandro, responsabilizado com dois números: "Recondita Harmonia", da Tosca e "Ai, ai, ai", uma canção mexicana de que não me vem o autor. O incentivo da noiva foi enorme, incentivo que continuou depois do enlace. Assim, com o barítono Protta, tomei parte em vários concertos, adicionando novos números ao repertório. Consegui esguelar o "Lucevano l'stele", da Tosca e "Celeste Aida", da ópera do mesmo nome. Fui para a frente. Como profissional, cantava no coro da Matriz de Santo Antônio, ao lado de D. Maria Teresa Ferraz. Na companhia da patroa, cantava no Orfeão Piracicabano, regido pelo mestre Fabiano Lozano. Cantamos também no coro da Igreja Metodista, regido pelo Dr. Hélio Manfrinato.

O CORAL

Um grande acontecimento: na época do fascismo, um peninsular, Francisco Manica, arrebatado pelos discursos de Mussolini, organizou na cidade um coral com músicas patrióticas italianas. Como solista, à frente de um grupo de cerca de cinquenta pessoas, camisas negras no aparato, cantei a "Giovinezza", dos balilas fascistas. Depois uma quase tragédia. Terminada a segunda grande guerra, a cidade foi tomada de vero regozijo. Entusiásticos festejos populares. No largo da Matriz, ergueu-se um enorme palanque, onde um alguém, acompanhado da banda de música e de milhares de vozes anônimas, cantaria a "Canção do Expedicionário", letra de Guilherme de Almeida. Esse alguém era eu. Tudo pronto? Atenção! A banda de música fez a introdução e o solista entrou firme no "Você sabe de onde eu venho...". Nem concluiu a frase. O palanque ruiu ao peso das milhares de pessoas que comportava. Um pânico generalizado! Gritaria descontrolada! "Seu" Leandro veio abaixo como um anjinho. Incólume! Por fim, espoucaram as risadas.

O JORNALISTA

Volto desolado à casa comercial. Nada bem das pernas. Tudo periclitava. O primeiro filho - uma menina, Lília - já viera ao mundo. A música me dava uns cocorecos, mas

poucos. Intranquilidade de horizontes sombrios. Nestas circunstâncias incertas, soube por um amigo, João Ramos Quirino, que havia uma vaga na redação do "Jornal de Piracicaba". Não perdi tempo, posto que sem esperança. Falei com o João Franco de Oliveira, gerente da empresa, que me atendeu cordialmente, mas me mandou conversar com o professor Pedro Crem, redator-chefe.

Fiquei bastante nervoso, mas não estaquei. Pedro Crem, cem por cento amável, foi formal: "Olhe, moço, o João Franco já me falou do seu caso, mas eu preciso de alguma prova a respeito de sua competência. Gosta de futebol?". À resposta afirmativa, continuou: "Ontem, no campo do XV, houve jogo. É capaz de escrever algum comentário, pouco mais de um palmo, sobre esse jogo?". Inseguro das pernas, mas seguro de minha estrela, sentei-me à mesa da redação, tiras de papel na frente, caneta entre os dedos, comecei a escrever sobre um jogo a que não assistira, mas do qual tinha conhecimento pelas conversas das rodinhas. O professor Pedro Crem se afundara numa cadeira de vime, a ler o "Estadão".

"Pronto!". O grande mestre do jornalismo piracicabano ajeitou o pince-nez e leu, com calma martirizante, as duas laudas do trabalho. "É. Está bem" sentenciou para depois me inquirir: "Que curso o Sr. tem? Quem foi seu professor?". Respondi que era formado pela "Cristovão Colombo", tendo sido aluno do professor Adolfo

Carvalho. Comecei a trabalhar no mesmo instante, tomando conta da redação, enquanto Pedro Crem ia às suas aulas, na Escola Complementar. Sem prática alguma, amarrado nas iniciativas, nada fiz nessa tarde, a não ser um anúncio de missa, cuja fórmula copiei da edição anterior. À noite, mesmo com cara de pau, ajudei na revisão, na qualidade de acompanhador. Em casa, expressivo abraço da patroa pelo brilhareco.

Comecei assim minha vida de jornalista profissional. 150\$000 mensais, um gordo ordenado para a época. Liquidei minha casa comercial e procurei firmar pé no emprego. Excelente meio, boa camaradagem, uma roda intelectual jamais sonhada. Dr. Pedro Krähenbühl, Dr. Jacob Diehl Neto, Ernani Braga, Dr. Juvenal de Godoy, Dr. José de Melo Moraes, Dr. José Rodrigues de Almeida, Dr. Coriolano Ferraz do Amaral, professor Filinto de Brito, Dr. Osório de Sousa, nomes de cartaz nas rodas sociais. Havia ainda, em 1926, os ecos recentes da extraordinária vitória política do Partido Independente.

Rapidamente tomei conta da prebenda que me competia, dispensando os cuidados do redator-chefe, o qual, na revisão, superava os "gatos" do escriba incipiente. Comandei a parte de esporte. Ia à polícia, aos cartórios, tomava conta de crimes e desastres. Redigia notas de falecimento e casamentos, batizados e aniversários. Pedro Crem me dava aulas sobre um hipotético "Manual do Jor-

nalista do Interior", de Léo Vaz: "Para tal caso, tal fórmula, página tal". Prato pronto, sem queima das pestanas, salvo quando funcionasse a tesoura.

Senti que gozava de inteira confiança dos chefes. Correspondia. Nas férias, pela ausência de Pedro Crem, tomava conta do barco, até da revisão. Criei sessões novas, sueltos diários, o indefectível comentário político. Aprendi a arte dos recortes, "para quando faltasse matéria". Envelopes para os versos, para as receitas culinárias, para as notas cinematográficas, para as curiosidades. No fundo do meu contentamento, havia um pequeno ponto negro: não era independente com o que produzia. Tudo passava pelo crivo do mestre. Então, e continuamente, vinha à cena a velha advertência: "É preciso analisar!".

De certa feita, alguém caiu do céu. Foi o professor Alberto Volet Sachs, velho amigo de infância, que me propôs um negócio especificamente miraculoso: estudarmos juntos a análise lógica, o livro todinho do Sampaio Dória. Havia conversado com ele, algumas vezes, a respeito da famigerada análise, que facultava independência. Alberto Volet Sachs assinara seus primeiros artigos sobre educação, no "Jornal de Piracicaba" e, como mestre-escola, sabia muito mais do que eu. Entregamo-nos ao estudo, com afinco. Na minha casa, na presença da esposa, que tomava parte na iniciativa e dava bons palpites. Cheguei por esse processo ao que queria: escrever corretamente,

sem a intervenção de quem quer que fosse. Escrita a frase, analisada a relação dos elementos, tudo legal e até logo! Liberdade! Vitória!

ENTRE O JORNAL E A ESCOLA

Melhoria de vencimentos. Mais de 50 mangos porque, pela manhã, fazia a escrita da empresa. Surgiu outro bico: faltava professor de música no Colégio Piracicabano. Apressei-me a falar com o professor Irineu Guimarães, então diretor do estabelecimento. Referência? Secretário da redação do "Jornal de Piracicaba". Aceito a título precário. No ano seguinte, por desistência do professor Elias de Melo Ayres, fiquei com as aulas de português, nas primeiras séries. Tive curso de preparatórios associado com os professores Antônio Oswaldo Ferraz e Hermantina Couto Pereira. Dessa forma, ganhei o apelido de professor, que conservo até hoje. Na cadeira de música, substituí o maestro Benedito Dutra Teixeira, na Escola Normal Oficial. Dei aulas na Escola de Comércio "Cristóvão Colombo" e no Colégio Assunção, levado pela mão do professor Abério Sampaio.

Neste último estabelecimento, deu-se um fato marcante: o Governo Federal começou a exigir registro dos professores secundários, para o que deveriam apresentar o diploma da escola cursada. Eu não possuía diploma tal, a

não ser a láurea da Escola de Comércio, que não servia no caso. Preocupado, estava na eminência de perder os bicos, com os quais me dava bem. Nessa perspectiva sombria, apareceu no Colégio Assunção uma autoridade, um Inspector de Inspectores, excelente pessoa, de quem não me lembra o nome. Exposta minha situação, esse senhor me propôs um exame rigoroso, perante banca de gabarito, único meio para a obtenção do registro protocolar. Tremi de medo quando soube dos nomes dos componentes da banca: professores Elias de Melo Ayres e Jethro Vaz de Toledo, mais a Irmã Cacilda, diretora do estabelecimento, três cobras no assunto do vernáculo!

Fui feliz, relativamente, pois a banca se mostrou ligeiramente camaradinha com o candidato. Aprovado no exame de redação e no exame oral. Não lhes conto a nota, mas fui dado como capaz de lecionar em qualquer estabelecimento ginásial do país, no primeiro ou no segundo ciclo. Como referência, apresentei o diploma da "Cristóvão Colombo", declaração da profissão de jornalista, bem como declaração de competência do Colégio Piracicabano. Esse meu triunfozinho abrandou um bocado o apelido de professor que mantinha. Afinal, eu poderia lecionar pelo Brasil todo. Quero crer que, bem ou mal, não deslustrei o apelido que ganhara.

O REDATOR-CHEFE

Em 1932, Pedro Crem adoeceu gravemente, vindo a falecer algum tempo mais tarde. De interino, tornei-me então redator-chefe do "Jornal de Piracicaba", aparecendo meu nome no cabeçalho do periódico. João Franco de Oliveira se tornara o proprietário único da empresa. Um de seus atos foi tornar o órgão absolutamente independente, avesso à política local - uma esponja sobre o passado político do "Jornal", que seria de agora em diante apenas noticioso no assunto. Na redação, eu contava com o concurso excelente de Manuel Rodrigues Vidal e do mano Ramón. Foi o período mais sugestivo de minha existência, também o mais trabalhoso, pois tinha sobre as costas uma responsabilidade severa, qual seja a de prosseguir com a tradição da folha. Houve quadras difíceis, como houve fases serenas. A imprensa do interior é realmente sacrificada, não só pelo papel, pela continua concorrência da imprensa da Capital, pela política e, até, pelos próprios assinantes.

O fato de ser assinante implicava na idéia de ser participante na redação. Não raro, vinha o imperativos: "Faça isto, faça aquilo!". Ou então: "Por que é que você não diz isto, abertamente?". Os falsos amigos populavam: "Se você quiser, eu...". De certa feita, por contingência política do País, faltou sal na cidade. Aflição do povo, especialmente das donas de casa e o "Jornal" surgia como salvador do mundo, pela enxurrada de reclamações ou cartas

recebidas e os palpites grassavam: "Meta o pau nessa gente, no prefeito, notadamente!". O caso é que todos queriam ficar na sombra. No anonimato: ninguém queria se expor, diante da situação política do País. Foi um bocado vencer a resistência do "Eu sou assinante!".

A linha de imparcialidade estabelecida por João Franco dava frutos bons, pois o "Jornal" conseguiu atravessar a maré sem arranhões profundos. Em outra ocasião, fui procurado por uma comissão de senhoras e cavalheiros, que propunha transformar o órgão num jornal essencialmente religioso, para o bem da comunidade. Levei o caso à gerência e a resposta formal foi um "não" sonoro. Alguns dias depois, por inadvertência minha, ao noticiar a canonização de Joana D'Arc, empreguei a palavra "médium". Deu galho feio. Fui chamado às falas. Reagi e quase recebi um chute nas canelas. O escândalo foi de amargar! Também havia o caso dos adjetivos. Um a mais ou a menos que saísse na notícia de aniversário do Sr. Fulano, ou da Sra. Fulana, dava pano para manga. Sempre me lembrava do "Manual do Jornalista do Interior", de Léo Vaz.

Minha atividade literária nesse período foi intensa. Confrontava: os primeiros artigos publicados à revisão de Pedro Crem e os artigos de então, libertos, só com minha censura, meus, unicamente meus, uma propriedade emotiva que me enchia de orgulho. Sabia redigir sozinho! Fazia tudo no "Jornal", desde os rabiscos da crônica soci-

al, os sueltos políticos, os anúncios, as reclamações, até o artigo de fundo. A revisão era meu suplício, pois nunca fui bom revisor. Felizmente os irmãos Rodrigues Vidal eram melhores do que eu. Certa vez, recebi a visita do professor Pedro de Melo, apreensivo e até angustiado, pois que fugira um "gato" bravo - um horroroso "quando eu ter", maltrapilho e esfomeado! Pobre do tipógrafo, que arcou com a culpa!

Foi grande o número de jovens a quem dei oportunidade de colaborar no "Jornal". Nunca tive má vontade com os principiantes, pois que via neles meu próprio drama, quando os sonhos fugidios de fama bailavam no meu cocuruto. Não lhes cito os nomes. Alguns prosseguiram na jornada literária e se firmaram nas letras; outros, pelas contingências da vida, abandonaram os sonhos e se entregaram à própria sorte. Consegui reunir boa turma de colaboradores. Um bom artigo por dia pelo menos. Aos domingos, edição melhorada. Antônio Oswaldo Ferraz fazia a Crônica de Arte. Quando precisasse de artigo técnico, recorria ao Dr. Otávio Teixeira Mendes. O Dr. Otávio Domingues fornecia boa colaboração agrícola, assim como o Dr. Osório de Sousa, com os artigos vários. O Dr. Losso Neto, com os artigos sobre medicina caseira. Entre os novos, contava com Alberto Volet Sachs, Armando Volet, Nelson Camponês do Brasil, sem falar nos nervos admiráveis de Hildebrando de Magalhães ou na colaboração valiosa do professor José Rodrigues de Arruda.

Nelson Camponês do Brasil incidiu na minha carreira. Conheci-o ali pelos anos de 1934 ou mais. Era diretor do grupo escolar de Vila Nova, onde minha senhora lecionava. Praticamente no "Jornal", Nelson iniciou a publicação de seus trabalhos históricos. Eram muitos, dezenas ou mais, todos de pesquisa, de divulgação, de amplitude popular. Gostei do filão. Conhecia as efemérides do Almanaque de Piracicaba para 1900, de Manuel de Camargo. Veio-me ao bestunto, à influência de Nelson Camponês do Brasil, a ampliação dessas efemérides, de horizontes largos, não no sentido de curiosidades, mas de âmbito objetivo, profuso, que falasse do passado de nossa terra, favorecendo os estudiosos. Comecei a encher cadernos e folhas avulsas de notas e mais notas, colhidas aqui e ali. A antiga mania que ressuscitava, agora vivificada por nova seiva.

Em 1936, Mário Neme, então já integrado na imprensa local, como redator de "O Momento", publicou a sua primeira contribuição ao estudo da história estatística do município, uma espécie de almanaque, que alcançou belo êxito. Hoje é obra rara. A iniciativa mais me açulou o entusiasmo pelas notas efeméricas, incentivando-me para a labuta. Comecei por comprar um livro-atas, tamanho-família, para coordenar as notas, em linha cronológica. O trabalho, entretanto, não me agradava, pela falta de método, de planificação, de série normativa.

DIRETOR DA BIBLIOTECA

As coisas corriam nesse pé, quando, no ano de 1938, a empresa do "Jornal" fora adquirida pelos irmãos Losso. Tive que deixar o lugar de redator-chefe ao Dr. Fortunato Losso Neto, titular até hoje. Fiquei um tanto ou quanto desarvorado. Tive que me contentar com os bicos dos Colégios em que lecionava, sentindo ao meu redor sérias perspectivas. Eis se não quando um convite alvissareiro: diretor da Biblioteca Pública Municipal, em vias de formação. O convite partiu dos amigos Antônio Oswaldo Ferraz e Sebastião Melo Ayres, com o assentimento do Prefeito Municipal, Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

Agarrei-me ao novo emprego. O departamento estava sendo organizado pelo profissional Israel Gil, técnico competente. Atirei-me à recente profissão com entusiasmo e à Biblioteca Pública Municipal dediquei os melhores anos de minha vida. Estava no meio dos livros, meus companheiros velhos e estimados. Em breve, estava senhor do mecanismo das fichas, dos catálogos, dos consulentes, do "métier". Outra alegria esfusiante: descobrir o plano para minhas efemérides, através das fichas, em ordem cronológica. Alguns meses depois, iniciei o trabalho, lidando com fichas de papel. Já no bojo do funcionalismo municipal, não me foi difícil consultar os livros de ata da Câmara, bem como outros livros de interesse imediato. Trabalho exaustivo e sedutor.

Lancei as vistas para os departamentos estaduais, os departamentos do arquivo do Estado, bibliotecas, institutos históricos, nas suas publicações e revistas, nos cartórios. Um mundo de documentos venerados, que conseguia decifrar com o auxílio da lupa ou da garrafa branca com pouca água. As férias anuais eram de vinte dias, os quais eu empregava em viagens a São Paulo ou ao Rio de Janeiro, à cata de "quadrinhos", cata e cópia estafante, correndo de Seca a Meca, às vezes contente pela colheita, outras vezes desanimado pelo insucesso. Visitei as prefeituras de Itu, Porto Feliz e Sorocaba nessa faina. Em Mogi-Mirim, onde se diz haver falecido o povoador Antônio Correia Barbosa, a procura foi infrutífera.

Escrevi cartas aos montes para escritores, sociedades e bibliotecas. Pouco ou nada encontrei na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Bati às portas de Bibliotecas de Lisboa, ao enalço de notas. Consultei jornais velhos, nas coleções respeitáveis. Por mais de vinte anos estive nessas andanças, findos os quais possuía milhares e milhares de fichas acumuladas, todas na sua ordem de data, constituindo os dois volumes da "História da Piracicaba em Quadrinhos". Grande parte deles já havia sido publicado, diariamente, pelo "Jornal de Piracicaba", ao que parece com boa aceitação. Uma vez, já fundado o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, o Dr. Edmar Kiehl, então presidente da agremiação, me perguntou qual o destino que daria aos originais. "Francamente, não sei",

respondi. "Por que você não os oferece ao Instituto que, provavelmente, providenciará sua publicação?". Exultei com a sugestão, pois que jamais poderia arcar com as despesas da edição. O resto é conhecido.

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Em agosto de 1967, deu-se a tarde de autógrafa do livro, trabalho tipográfico da Imprensa Oficial da Prefeitura Municipal, com papel piracicabano, gentileza da Cia. Refinadora Paulista S/A. Os professores Acary de Oliveira Mendes e Júlio Soares Diehl, presidentes do Instituto Histórico e Geográfico, na vigência dos trabalhos de impressão, fizeram a apresentação da obra. A capa foi de meu genro, Álvaro Paulo Segal, competente artista. Foi uma festa inesquecível para mim, quando senti o amparo franco e carinhoso da intelectualidade conterrânea, reunida no saguão do "Jornal de Piracicaba", prestigiando meu trabalho, minha ousadia incontida de fazer algo pela minha terra, num esforço de muitos anos, sem esmorecer no meio da jornada.

"Por Piracicaba!". Esta proposição é importante para mim, que me sinto regularmente aquinhoado de capacidade de legar à terra de meu berço algo que possa engrandecê-la, exaltá-la, com a graça de Deus. As estrofes heróicas do "Piracicaba que eu adoro tanto" valem como

um penhor, uma dádiva, uma oferenda brotada do coração, porque me sinto, então, perfeitamente realizado. Há um conceito americano que afirma que o homem só se realiza quando for pai, tiver plantado uma árvore e escrito um livro. Sou pai, editei livros, plantei duas árvores, já bem taludas, na frente de minha casa.

Ao lado de Azevedo Marques, nos seus apontamentos, de Joaquim Silveira Melo, no seu esboço histórico, e de Mário Neme, na sua realização histórica, ficam os meus "Quadrinhos", representando minha pequenez, minha parcela de agradecimento ao Pai Criador, pela bênção de ter nascido nesta terra abençoada. Os pósteros, um dia falarão melhor do que eu possa falar neste instante.

DE PIRACICABA PARA PIRACICABA

Tenho ainda que me referir a outro livro meu, intitulado "De Piracicaba para Piracicaba". Há bons anos, em rodapé, escrevi uma série de trabalhos originais ou transcritos, sobre assuntos referentes à cidade. Foram crônicas, reconstituições históricas, ou trabalhos que mereceram uma nova edição, afim de que se não perdessem na voragem do tempo. Estava neste caso o trabalho de Dr. Joaquim da Silveira Mello "A Fundação de Piracicaba" (esboço histórico) publicado no Almanaque de Piracicaba para 1900, hoje raríssimo. Sendo raríssimo, estava na possibili-

dade de perder-se. Nas mesmas circunstâncias, estava uma tentativa histórica de Prudente de Moraes, publicada no Almanaque Literário da Província de São Paulo, do ano de 1878. A transcrição de ambos os trabalhos no livro acima nomeado foi, creio eu, oportuna.

O Dr. Fortunato Losso Neto, excelente piracicabano, guardou as chapas de composição e, um dia, na agência dos correios, me informou que iria publicar um livro. Nasceu, assim "De Piracicaba para Piracicaba", cujos exemplares foram vendidos em benefício de "Nosso Lar".

O ORADOR

De grão em grão a galinha enche o papo, diz o ditado. De tomada em tomada, vou reconstituindo minhas andanças pelo globo terráqueo. Eis que me falta ainda dizer alguma coisa sobre meus pretensos dotes oratórios. Sim, porque afirmam os más línguas que sou orador. Não nego que tenha realizado um centena de "palestras", mormente nos Centros Espíritas e nas Lojas Maçônicas. Nesse empenho, nem sei quantas vezes me vi arvorado em "orador da noite". Falei em grande número de cidades do Interior Paulista, bem como no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte, ao que julgo, com geral agrado.

De algumas palestras realizadas, guardo certa satisfação, certo orgulho emotivo. Fui orador oficial da cidade nas festas comemorativas do segundo centenário de fundação de Piracicaba, em 1967. À porta da Catedral de Santo Antônio, na noite de 31 de julho para 1^o de agosto, falei das escadarias do templo para uma multidão incalculável de pessoas, transmitindo a mensagem do passado às gerações presentes. Falei no banquete comemorativo, cerca de 500 talheres, realizado no Jardim da Cerveja, perante convidados e autoridades, em nome da Prefeitura Municipal, uma distinção que jamais esquecerei. Na noite desse mesmo dia, falei na praça da Catedral, por ocasião de um concerto sinfônico, de que se encarregou uma banda militar, cerca de cem músicos, vinda do Rio de Janeiro. Essas três oportunidades foram para mim uma honra de alto preço, inolvidável na minha memória.

Por três vezes, fui orador oficial da Câmara Municipal, nos festejos comemorativos à data de 1^a de agosto. Por outras tantas vezes, fui orador convidado pelo Rotary Clube de Piracicaba, Lions Clube de Piracicaba, nos jantares festivos, realizados em homenagem à data máxima de nossa terra. Já falei em quase todos os ginásios de nossa terra, mormente desenvolvendo assunto relacionado à história local. Já falei — não riam não — aos presos da Cadeia Pública, numa festa íntima, quando os detentos foram reunidos no pátio do presídio. Inútil será dizer que me vieram

lágrimas aos olhos. Fui orador oficial da Sociedade de Amigos de Museu, em muitas oportunidades.

Palmas? Nem sempre. Numa das primeiras vezes, arvorado em orador, quase abri a boca no mundo pelo insucesso. Foi numa das famosas “papinadas” que se realizavam periodicamente na cidade. Tudo em homenagem a Sud Mennucci, numa de suas últimas visitas a Piracicaba. Fala este, fala aquele, eis que deram a palavra ao redator do “Jornal de Piracicaba”. Que desastre, Santo Deus! Gaguejei, empaquei que nem burro velho e me sentei, sem dizer nada. Melhor fora um buraco em que me precipitasse nele! Por felicidade, o próprio Sud, reconhecendo o vexame, iniciou as palmas, secundados por todos os presentes.

Depois dessa hecatombe, reagi e deslanchei. Será?

Onde mais tenho usado da palavra foram a Loja Maçônica e os Centros Espíritas. Da primeira, já fui orador por diversas legislaturas e nos segundos quase que constantemente. Possivelmente tenha aí conseguido um treino que me dá segurança, isenta de nervos. Nem sei em quantas cidades tenho estado, na investidura do expositor. Presentemente, em virtude da idade, tenho recusado os convites que me chegam. Um pouco de autocrítica, embora tardia.

O DRAMATURGO

Teatro e teatros, assunto marcante. A doença de ser teatrólogo foi grave, maior do que a balda de ser poeta, romancista, lexicógrafo. Loucura de micróbio violento. Tal e qual. Não perdia espetáculos teatrais, na cidade ou na Capital, para onde seguia mensalmente, atendendo aos sintomas da enfermidade. Gostava com embevecimento de tudo: drama, comédia, revista, óperas, operetas, com preferência às comédias. Atrás do gosto de assistir a elas, vinha a petulância de querer produzir algo. "Pegava" um assunto, sondava-o, mastigava-o. Dividia-o em atos, em cenas, em falas. Estudava o caráter das personagens. Ras-cunho. Escrevia febrilmente, às caladas da noite. Passava tudo à máquina, na velha "Corona". Da minha primeira peça concluída, "Desafio à dor", perderam-se os originais, com desagradável apreciação do amigo João Batista Pousa.

Terminada a peça, desejava vê-la encenada. Natural. Dei de correr atrás de companhias, diretores, ensaiadores. Jornada crespal! Cada fora que me davam, cada trompaço que recebia! Uma rede quase impenetrável, servida de cupinchas e bajuladores, tornava a estrada fechada, fechada a ferrolhos. Apesar dos pesares, consegui ver no palco alguns trabalhos meus: "Um homem Quase Bonito", pela Companhia Salaberry; "Opereta sem Música", pela Companhia Palmeirim Silva; "Lazinho Mentira", pela Companhia Carlos Hallot; "O Ilustre Pescecano", pela Com-

panhia Nino Nelo; "Cobertor de Orelhas", pela Companhia Darcy Cazarré; "O Príncipe Encantado", pela Companhia Iracema de Alencar, em Porto Alegre.

Um dia, depois de muita canseira e desilusão, resolvi desistir. E desisti mesmo. Minhas últimas peças concluídas foram "Rebelião na Cozinha", para teatro infantil e "Guilhotina na Janela", comédia escrita especialmente para a estréia do Teatro Municipal da cidade, a ser animada pelo grupo Teatro Experimental de Amadores. Com o assentimento do prefeito municipal, Luciano Guidotti, em 1967, deliberou-se que a inauguração do Teatro Municipal de nossa terra seria com uma peça de autor piracicabano. Infelizmente, com o passamento do grande chefe do executivo piracicabano, tudo gorou. Minhas peças remanescentes dormem na estante o sono do esquecimento. Algumas delas, oito ou dez, datilografadas e encadernadas, se encontram na Biblioteca Pública Municipal, também dormindo.

RADIOFONIA

Por esse tempo, há bons trinta anos, andava em moda o teatro radiofônico. A Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, mantinha uma excelente troupe de artistas, com Plácido Ferreira, Cordélia Ferreira e César Ladeira. Sem cartucho algum, pelo correio, tentando a sorte, mandei para lá uma peça em três atos: "O Príncipe Encantado".

Pegou que foi uma gostosura. Tornei-me autor da estação, recebendo algum dinheirinho de direitos autorais. Seguiram-se outros trabalhos: "Uma Criança Entre Eles". "Vinte Anos", "Um Conto Radiofônico", "Sangue", "Janelas Fechadas", "Velas sem Lume", "Meu Filho, Meu Filho" e outras mais.

Minha correspondência cresceu, pois recebia cartas e mais cartas, com referência às peças. Ainda através de correspondência, "furei" estações de Minas Gerais, Porto Alegre, Pernambuco, Paraná, Salvador; em São Paulo, na Record, com Manuel Durães e esposa, coloquei diversas comédias, assim como em diversas cidades do Interior: Araraquara, Campinas e Santos. Animado, tentava ampliar a rede de estações. As mesmas barreiras dos meios teatrais. Com dificuldade. Em São Paulo, noutra estação que não a Record, um senhor diretor, todo cheio de si, quando lhe falei a que vinha, só faltou me perguntar se sabia ler.

Devo deixar patente que venci um concurso de peças radiofônicas, promovido pela Perfumaria Myrtes, do Rio de Janeiro, concorrendo com o trabalho "Maria Clara". Quinhentos mangos de prêmio! Magnífico! Depois da irradiação festiva dessa peça, que se deu pela Mayrink Veiga e só terminou lá pela meia noite, saí pelas ruas da cidade, contente da vida pelo triunfo, intimamente desejoso de me mostrar à terra, vencedor que fora de um concurso. Andei

pelos cantos da urbe e depois me recolhi, satisfeito de mim mesmo, pela oferenda a Piracicaba.

Tornei-me sócio da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, através da qual, de quando em quando, recebia meus cobres de direitos. Publiquei, edição da Tipografia do "Jornal de Piracicaba" e distribuição da Livraria Hottum, do Rio de Janeiro, "Seis Peças Radiofônicas", em que reuni meia dúzia das peças que me pareceram de maior êxito, bastante representadas pelo Brasil todo. O rádio-teatro entrou em declínio. O entusiasmo também, porquanto a procura, no mercado, diminuía bastante. Deixei completamente a prática. Guardava até há pouco recortes que me falavam a respeito. Esses recortes também se foram.

Na fase teatral, publiquei, na Coleção Teatro Nacional, duas peças para palco: "O Príncipe Encantado" e "Opereta sem Música", que alcançaram algumas representações pelo território nacional. A edição e distribuição foram pela Livraria Hottum, casa especializada no assunto teatral, com sede no Rio de Janeiro.

Do canto, há pouco ou nada para concluir. Parei naquilo que já foi dito. Tínhamos uma amiga, excelente pianista austríaca, que frequentava nossa casa, D. Maria Wagner. Professora de piano, magnífica cultora musical, com muitos concertos pela Europa. Por caprichos do desti-

no, viu-se desolada em Piracicaba. Já de idade, poucos alunos conseguia. Tornou-se assídua no lar, onde encontrava um bocado de carinho e melhor oportunidade de ambiente. Gostava de me acompanhar ao piano, com a flauta ou cantando. Mais ainda gostava de acompanhar minha senhora, cuja sensibilidade artística admirava. Quando mais os anos calavam, minha esposa movimentou uma campanha para a viagem de regresso à Áustria, onde viviam os seus. D. Maria Wagner se foi é nunca mais cantei. Lá se vão bons vinte anos ou mais.

O ORFEÃO

Não posso deixar de assinalar, neste relato, umas iniciativas de alta relevância, qual seja, a primeira, a fundação do Orfeão Piracicabano, diligência do maestro Fabiano Lozano. Primitivamente, existia o Orfeão Normalista, constituído de alunos da Escola Normal Oficial, sempre desfalcado no final de cada ano e remontado no ano seguinte. Nunca uma estabilidade definitiva, com desalento para o regente, que, diante dessas circunstâncias, deliberou a fundação de um bloco coral, não sujeito a alternativa. Convocou elementos radicados, com posição sem mudanças. 48 figuras, divididas entre sopranos e contraltos, tenores e baixos. Minha senhora estava entre as primeiras e eu participando do tercelro grupo. Êxito absoluto, crítica sempre favorável, gravação de uma série de discos pela

Casa Victor, se não me falha a memória. Inúmeras cidades visitadas.

Atrás da fundação do Orfeão veio a segunda, ou seja, surgiu a Sociedade de Cultura Artística, à semelhança de sua congênere da Capital. Excelentes recitais, com os melhores artistas, nacionais e estrangeiros, que a praça de São Paulo podia oferecer. Destaco algumas conferências havidas: Martins Fontes, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia e outros mais luminares da literatura brasileira. Um deslumbramento para mim, para mim que vivia namorando as musas ingratas; pianistas como Guiomar Novais e Antonieta Rudge; cantoras como Bidu Saião e Cristina Maristani. Não posso deixar de mencionar estes fatos, quando tento demonstrar as influências que recebi na flor dos anos.

Ali pelo ano de 1936, houve em nossa terra um Instituto Musical Piracicabano, de que era diretora a senhora professora Chiquita Arruda. Boa freqüência de alunos, exclusivamente na ala do piano, com diversas turmas concluindo o curso. O professor José Pousa de Toledo lecionava teoria musical e eu dava aulas de solfejo e história da Música. Infelizmente, o Instituto não teve vida longa.

O MESTRE

No terreno educacional, há quase nada para registro. No ano de 1964, deixei as aulas do Colégio Piracicabano, porque comecei a sentir me faltassem as forças. A mocidade estudantina já não era a mesma dos anos anteriores. Senti mais objetividade social e os jovens demonstravam tendências idealistas, não sei se produtivas ou indisciplinadas. Convenci-me de que todos os mestres, tidos como maduros, deveriam ceder seus lugares a professores novos, quando mais se fazia sentir a afinidade entre a cátedra e a classe. Como educador de certa idade, ainda preso aos hábitos anteriores, sem coragem para me ajustar a novas contingências, achei prudente deixar o ensino, alegre, todavia, pela bagagem haurida.

A diretora do Colégio Piracicabano, reunidos professores e alunos no salão nobre do estabelecimento, me proporcionou bela festa de despedida, com números de música e discursos de praxe, além de artístico mimo, que me foi oferecido como lembrança.

Devo aditar, aqui, que, com a fundação da Academia Paulista de Educação, em São Paulo, meu nome foi incluído entre os acadêmicos da novel agremiação, na qualidade de representante do Interior. No seio dessa Academia, a cujas reuniões assisti por diversas vezes, encontrei bons amigos, entre os quais destaco o dr. Reynaldo Kuntz

Busch, velho amigo do "Jornal" e o professor Nelson Omegna.

Também devo assinalar que meu nome, por ní-mia gentileza de seus fundadores, foi incluído entre os fun-dadores da Academia Piracicabana de Letras. Meu patrono, na cadeira a que pertenço, foi minha senhora, Jaçanã Altair Pereira Guerrini.

FLAUTISTA, SEMPRE

Na seara da música, ainda que pareça piada, continuo em atividade, soprando a mesma flauta, compa-nheira de lutas e alegrias. Depois que a filha e a esposa se foram para a Pátria Maior, nunca mais incomodei os vizi-nhos com minhas cantorias. Na flauta, ainda não achei pre-texto forte para estacionar. Há muitos anos, ainda lecio-nando no Colégio Piracicabano, o maestro Germano Benencase, com a cadeira de música, convidou-me para voltar à ativa, participando de um conjunto orquestral, que reunisse elementos da casa especialmente. Tudo a exem-pto dos anos de 27 ou 28, quando organizei pequenos gru-pos só de alunos. Aprovada a idéia, reunidos os compo-nentes, começaram os ensaios.

O conjunto, dirigido pelo maestro Benencase, teve existência brilhante. Muitas apresentações,

notadamente nas festas do Colégio, formaturas e reuniões cívicas. Também fora da cidade: Americana, Lençóis Paulista, Capivari, Rio Claro e Itajubá (Minas). Com a saída do maestro Benencase, por aposentadoria, a orquestra entrou em declínio, embora orientada pelo maestrino, professor Egildo Pereira Rizzi. Acabou por fazer fusão com os elementos remanescentes da Orquestra Dutra, surgindo a Orquestra de Amadores "Benedito Dutra Teixeira", sob a batuta do professor Rossini Rolim Dutra, também de efêmera duração. Mas houve uma apresentação de gala, no salão nobre do Colégio Piracicabano, por ocasião das festas comemorativas do aniversário da cidade. O concerto se deu sob o patrocínio do Departamento Municipal de Cultura e o ponto alto da apresentação foi a execução da peça "Elegia", do compositor conterrâneo Belmácio Pousa Godinho, solo de flauta por mim, com acompanhamento de orquestra, estando presente o autor. Vibrantes aplausos à orquestra e discretas palmas ao solista.

Pouco tempo depois, fiz parte da orquestra da Escola de Música, sob a regência do maestro Ernest Mahle. Nesse conjunto, minha permanência foi breve.

Anos depois desses acontecimentos, eu, mais o amigo Romeu Dias da Silva, competente violinista, fundamos a Orquestra de Amadores "Cidade Alta". Pilotada pelo professor Olênio de Arruda Veiga. Muito boas apresentações, mas de existência curta, em vista da fusão rea-

lizada com a Orquestra Piracicabana de Amadores, sob a batuta do maestro Benedito Dutra Teixeira.

Também por esse tempo, participei de um Conjunto Serenata, que tinha programa semanal na Rádio Difusora de Piracicaba. Esse grupo, orientado pelo professor Olênio de Arruda Veiga, executava somente músicas do passado e com muita aceitação.

Atualmente, já dobrando a casa dos oitenta (que vexame), ainda faço parte do Conjunto Musical "Os Vigilantes", fundado inicialmente na Maçonaria e depois com movimentação mais ampla. É um grupo de salão, que executa músicas de filmes, pequenas peças, trechos de operetas, canções várias e músicas do passado. As apresentações do conjunto, nas festas do Rotary Clube, Lions Clube, Museu "Prudente de Moraes" e comemorações cívicas da Câmara Municipal, têm conquistado gerais aplausos.

O INTELLECTUAL SERENO

Minhas atividades literárias é que ainda não cessaram, apesar do montante de anos que me pesa sobre os ombros. A mania pelas charadas e palavras cruzadas é cachaça inveterada, que não consigo largar, nem quero. É um lenitivo para as horas vazias. Nunca fui de frequentar

bares, bancos de jardim, nem rodinhas de esquina. Prefiro meu cantinho, minha escrivaninha, meus livros e uns bons problemas de palavras cruzadas, um passatempo que me prende, para o que possuo biblioteca especializada dicionários, calepinos, anotações. Sou detentor de vários prêmios nesse terreno.

Nunca deixei de colaborar no “Jornal de Piracicaba”, desde o tempo em que era redator-chefe. Mantive seções muitas e quase diárias. “Janelas Abertas” foi uma delas, cujas crônicas eram lidas ao microfone da Rádio Difusora pelo locutor Artur Sanches. Sempre dei preferência, nos meus artigos, aos assuntos históricos, relacionados com a cidade, embora outras vezes abordasse assuntos de interesse local. Não sei se por virtude, falta de arrojo ou comodismo, nunca fui jornalista combativo, um feito com que me dei bem. Também jamais me meti em polêmicas jornalísticas, posto que, nesses cinquenta anos de jornalismo, inúmeras foram as oportunidades. Entendi que polêmicas servem para divertir os leitores, sem finalidade imediata para os polemistas.

Outra particularidade de minhas lides jornalísticas: nunca guardei nada da minha produção – um cuidado que minha senhora tinha. Se alguma coisa tenho no arquivo é devido a essa solicitude da esposa. Antes de publicar um trabalho, sou um sacrificado, pois leio e releio as laudas, corrigindo até a última hora. No geral, quase

não leio o que escrevo, depois de publicado um bocado de receio pelo encontro de “gatos” de revisão. Meu mestre Pedro Crem dizia que erros dessa natureza são perfeitamente desculpáveis pelos leitores inteligentes, enquanto os leitores burros nem se apercebem deles. Mas eu, se topo com alguns desses “gatos”, nos meus artigos, perco o dia, numa raiva incontida e inútil.

Lamento, bastas vezes, não ter a cachimônia de colecionar as bobagens que escrevo, porque, quando se me depara um velho artigo meu, releio-o com prazer, sentindo orgulho de mim mesmo. Bem entendido; quando não há erros de revisão. Já repararam que o revisor tem costas largas e paga o pato pelo que não fez?

ALGUNS TRABALHOS

Vou ver se me recordo, de memória, consultando o bestunto, de alguns de meus trabalhos, trabalhos de certo fôlego, nos quais gastei empenho, empenho de piracicabanismo:

“Sinfonia Piracicabana”, artigo de fundo histórico publicado no “Diário de Piracicaba”;

“Piracicaba Antes da Fundação Oficial”, publicado, por vaidade minha, no “O Estado de São Paulo”;

“Os Homens Maus de Piracicaba”, resumo de palestra realizada no Instituto Histórico e Geográfico local;

“O Falar Piracicabano”, resumo de palestra realizada no salão da Universidade Metodista de Piracicaba;

“O Romance Proibido de Maria Flor”, publicado no “Jornal de Piracicaba”;

“A História do Partido dos Quarenta Coligados”, idem, idem;

“O Mercado de Piracicaba”, monografia, inserta no livro “De Piracicaba para Piracicaba”;

“O Sargento-Mor Carlos Bartolomeu de Arruda”, publicado na imprensa local;

“Francisco José Machado - Primeiro Prefeito de Piracicaba”, conferência realizada na Câmara Municipal;

“Nomes que a História Guardou”, cerca de cinquenta biografias resumidas, publicadas pelo “Jornal de Piracicaba”;

“Estradas e Pontes, Eternos Problemas”, artigo publicado pelo “Diário de Piracicaba”;

“Os Anjinhos do Povoador”, artigo;

“A Mudança da Povoação”, idem, idem;

“O 15 de Novembro na História”, idem, idem;

“O Rio Piracicaba, Divisor Comum”, resumo de palestra realizada no Rotary Clube de Piracicaba;

“Entrevistando Prudente de Moraes”, oração junto ao túmulo de Prudente de Moraes, no cemitério da cidade, iniciativa da Loja Maçônica de Piracicaba;

“Prudente de Moraes e a Convenção de Itu”, resumo de palestra efetuada no Museu “Prudente de Moraes”;
 “O Velho e Tradicional Nome de Piracicaba”, artigo;
 “As eleições de 1822”, artigo;
 “A Força em Nossa Terra”, artigo;
 “O Piracicabano Senador Vergueiro”, artigo;
 “A Assuada do Dia 7 de Setembro de 1822”, artigo;
 “Os Índios que Habitavam a Região de Piracicaba”, palestra.

Aqui a memória empacou. Não houve meio de fazê-la andar. Todavia, creio que a amostra valeu, para o que muito concorreu um meu chapa chamado Luiz Leandro.

Presentemente, mantenho no “Jornal de Piracicaba” quatro seções semanais, que cito:

“Quadrinhos Maiores”, reminiscências da infância, retratando a vida doméstica, no início do século;

“A Semana da História”, um fato de relevo nos anais de Piracicaba, dentro da semana vigente, sob o pseudônimo de Léo Guerra;

“Presença da Maçonaria”, um fato de relevo nos anais de Piracicaba, sob o pseudônimo de Porta-Estandarte;

“Seara Espírita”, um artiguete sobre a Doutrina Espírita, sob o pseudônimo de Irmão Nemésio.

Agora, uma lista, talvez incompleta, dos prêmios e lembranças que tenho recebido, mercê da gentileza dos conterrâneos. Incompleta, porque alguns deles se perderam e o arquivo não é implacável:

- Medalha comemorativa do centenário de nascimento de Rui Barbosa, adjudicada a maçons brasileiros pelo Grande Oriente do Brasil;

- Medalha e respectiva miniatura, D. Maria Leopoldina, imperatriz do Brasil, adjudicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1954;

- Medalhão "Honra ao Mérito", homenagem da SAMPM e Museu Prudente de Moraes, desta cidade, sem data;

- Medalhão "Honra ao Mérito", homenagem da Escola Técnica de Comércio "Cristóvão Colombo" - 12/10/71;

- Alfinete de lapela, "Centenário de Piracicaba", oferta da Prefeitura Municipal, 1967;

- Alfinete de lapela, "Loja Maçônica de Piracicaba", sem data;

- Cartão de prata, homenagem do Curso Primário Miss Martha Watts - 26-5-71;

- Cartão de prata, homenagem da Fraternidade Feminina "Cruzeiro do Sul" - 23/2/72;

- Cartão de prata, homenagem da Loja Maçônica "Luz e Caridade", de Valparaíso, neste Estado - 7/9/74;

- Medalha "Centenário da Cidade de São Paulo", sem outra indicação - 1954;

- Medalhão "IV Centenário Anchieta", oblação da Sociedade Numismática Brasileira, São Paulo, 1934;

- Alfinete de lapela, de ouro, "Governo Sodré - Integração e Desenvolvimento", recebido por ocasião do II Centenário da Fundação de Piracicaba;

- Medalhão "Honra ao Mérito", V Curso de Museologia, realizado de 14 a 22/8/71;

- Medalha e competente miniatura "Honra ao Mérito", adjudicada pela Comissão respectiva do Bicentenário de Piracicaba, 1967;

- Cartão de prata, oferecido ao casal Jaçanã e Leandro, homenagem da Sociedade "Arte e Filantropia" - 29/8/66;

- Um abridor de páginas de livro, fino lavor de jaspe, com a inscrição, "Prof. Leandro," sem designação de origem e data;

- Cartão de prata "Destaque na Sociedade de 1974", iniciativa do radialista Benê Marques, em colaboração com o "Jornal de Piracicaba";

- Cartão de prata "Honra a Quem Honra", homenagem da classe biblioteconômica e da Prefeitura Municipal, na Semana Nacional, de Biblioteconomia, março de 1974;

- Cartão de prata - 1^o Festival de Teatro Amador de Santa Bárbara d'Oeste, julho de 1968;

- Medalha "Grande Oficial Mário Dedini", adjudicada pela Comissão do Monumento - Piracicaba, 1961;

- Medalha de bronze "Charadas - Gazeta", Primeiro torneio, 2^o lugar, sem data;

- Cartão de prata, homenagem dos componentes do Teatro Experimental de Amadores de Piracicaba, 10/10/68;
- Estojo de secretaria "Sheaffer", do Serviço Social dos Empregados do Grupo Dedini, sem data;
- Medalhão e respectivo colar "Maestro Benedito Dutra", homenagem de "Pelos Caminhos da Saudade", produção e apresentação do Dr. Manoel Lopes Alarcon, 1975;
- Medalhão de prata da Loja Maçônica "Fraternidade de Limeira", no seu jubileu de prata, 12/11/1975;
- Cartão de prata, homenagem do Museu Histórico e Pedagógico "Dr. Prudente de Moraes", 4/10/75;
- Medalha e respectiva faixa "Prudente de Moraes", da Loja Maçônica Piracicaba, Primeiro Centenário de Fundação, 1975;
- Medalha e respectiva faixa, "2ª Convenção da Maçonaria Filosófica do Estado de São Paulo", realizada em Rio Claro, junho de 1976;
- Medalhão e respectivo colar "Erotides de Campos", homenagem de "Pelos caminhos da saudade", produção e apresentação do Dr. Manoel Lopes Alarcon, 1975;
- Dois artísticos alfinetes de gravata, finas jóias, sem data, sem indicação, sem lembrança de quem seja a oferta;
- Podão de ouro", artístico troféu, adjudicado pela primeira vez pelo Lions Clube Independência, prêmio anual, 23/11/76;
- Quadrinho artístico, contendo cartão central, homenagem aos fundadores do E.C. XV de Novembro, gratidão

da Comissão Municipal de Esportes, promoção “Conheça o Jornalista Delfim Rocha Neto”, 22/4/77;

- Troféu “Serenata”, belo conjunto artístico relativo a “Pelos Caminhos da Saudade”, adjudicado a músicos serenatistas;

- Estatueta “Imprensa de Piracicaba”, homenagem a jornalistas, do Lions Clube de Piracicaba Centro, 10/9/75.

Em 1976, fui galardoado no movimento “Quem é Quem?”, promovido pelo “Diário de Piracicaba”, na faixa de “Literatura”. Infelizmente nada guardo de concreto dessa distinção.

- Medalha “Campeonato Brasileiro de Charadas”, promovido pela revista “O Malho”, 2º lugar, infelizmente perdida;

- Troféu de charadas da revista “Eu Sei Tudo”, campeonato do Rio de Janeiro, inutilizado pelo tempo.

O MAIOR DOS PRÊMIOS

Obtido da Providência Divina, o prêmio de possuir uma esposa exemplar. Escritora, poetisa, excelente cantora e musicista, com uma dezena de livros publicados por editoras da Capital.

Do casamento, nasceram seis filhos, quatro deles, infelizmente, apenas tiveram poucas horas de vida.

Restaram a primeira menina Lília e o primeiro menino Délio.

A filha foi casada com o pintor Álvaro Paulo Sêga. Boa iniciação literária e musical. Bibliotecária, poetisa, violoncelista e pianista, seguindo as pegadas da mãe. Falecida em 1967, deixando uma filhinha, Ângela.

O filho fez o curso de Engenharia Eletro-Mecânica da Escola de Engenharia de São Carlos, de onde se tornou catedrático titular da cadeira de sua especialidade. Casado com a professora Iria Müller Guerrini, com quatro filhos encantadores: Fábio, Cláudio, Daniel e Lília.

E é só.

Observação: Esta autobiografia de Leandro Guerrini foi escrita em 1974. O autor faleceu em 05 de julho de 1990.